

Casa de Pensão

Aluísio de Azevedo

Profa. Nay
Literatura

Contexto histórico

Mundo:

Ciência, razão, progresso

Positivismo

A Origem das Espécies (Darwin) – ideias evolucionistas

Marx e Engels

Brasil:

Instabilidade política pós-independência

Revoltas internas

Golpe da Maioridade, Período Regencial etc

Revoluções internas

Guerra do Paraguai

Movimento abolicionista e republicano

Escola literária – Naturalismo

- Realismo + exagerado
- Acontece concomitante ao Real./Parn.
- Oposição aos ideais românticos
- Cientificismo e Determinismo
- Positivismo e Darwinismo
- Linguagem coloquial, clara e objetiva
- Descrições minuciosas
- Romance experimental
- Temas sociais, obscuros e polêmicos
- Personagens patológicas (mórbidas, desequilibradas e doentias)
- Foco na análise de comportamentos humanos
- Sensualismo, erotismo, sexualidade
- Impessoalidade e engajamento
- Explicação pelas forças da natureza
- Cada personagem = tese científica/psicológica

Contexto histórico:

Fim do século XIX (1881)

Representantes:

Aluísio Azevedo (Brasil)
Eça de Queiroz (Portugal)

Determinismo social

Cientificismo

Homem = animal

Questões sociais

Racismo

Engajamento

Autor

Aluísio de Azevedo (1857), São Luís,
Maranhão;

**Romancista, cronista, contista,
diplomata, jornalista, desenhista,
pintor etc.**

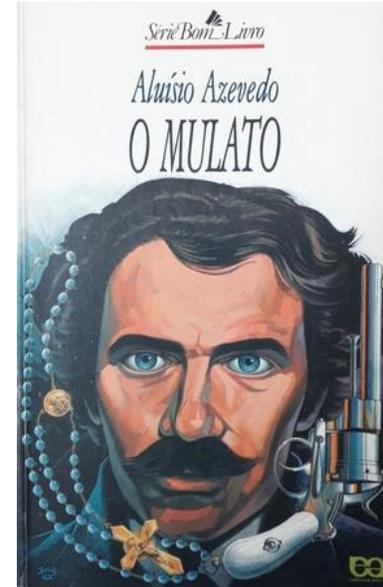
Wikipedia, 2020



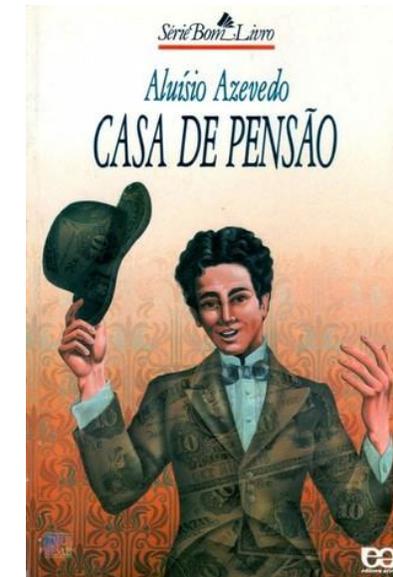
Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%ADsio_Azevedo em dez 2020

Características do autor

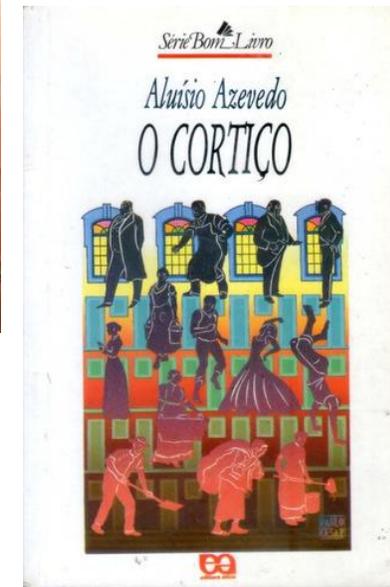
- Descrições
- Temáticas cotidianas
- Crítica social
- Decadência moral
- Preconceito racial
- Promiscuidade, adultério, vícios
- Linguagem simples, regionalista
- Animalização dos personagens
- Foco no comportamento humano
- Personagens simples, racionais, não romantizados



Editora Moderna, Série Bom Livro



Editora Moderna, Série Bom Livro



Editora Moderna, Série Bom Livro

Trecho do livro

"... esses pequenos episódios de infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a diluição que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa ideia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus condiscípulos. - E abominou-os. Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade do ressentimento, principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse. "

Realismo

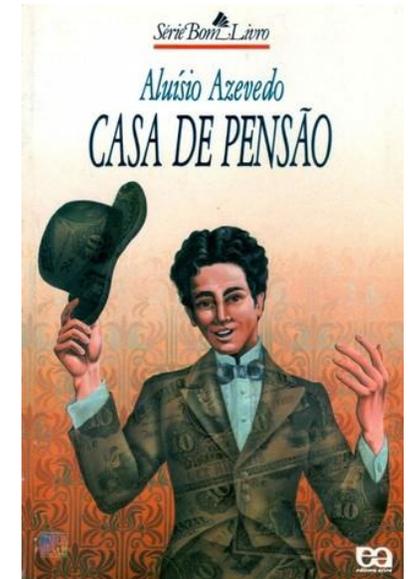
Análise psicológica

Naturalismo

Aspectos fisiológicos/instintivos

Ficha técnica

- Características naturalistas
- Relação com a realidade – notícia e ficção
- Publicado em 1884
- 3ª pessoa – narrador
- Bastante descrição
- Publicado em folhetins
- Divide-se em 22 capítulos



Editora Moderna, Série Bom Livro

Temas abordados

Violência sexual
Determinismo, cientificismo
Relações sexuais e sociais
Animalização e instintos humanos
Violências
Amoralidades
Alpinismo social

Caso Capistrano

1876, Rio de Janeiro

João **Capistrano**, jovem rico, estudante, amigo de Alexandre, **hospeda-se na pensão** da mãe de Alexandre e Júlia.

Capistrano e Júlia se envolvem

Caso de polícia – **Capistrano não assume Júlia e ela o acusa de estupro/abuso**

Capistrano é acusado, mas absolvido

Alexandre assassina a tiros Capistrano – justiça com as próprias mãos

Alexandre também é absolvido

Não o qualifico de romance, porque tal não é o caráter que lhe tenciono imprimir. Não tenho igualmente a pretensão de fazer dele um livro científico, nem tão pouco realizar uma obra de arte. Apenas me proponho estudar uma das faces mais antipáticas de nossa sociedade – a vida em casa de pensão. Meu único fim é rasgar aos olhos do leitor a parede de uma dessas velhas casas de pensionistas, e expor na sua nudez fria e profundamente comovedora os dramas secretos que aí dentro se consomem, terríveis e obscuros, como a luta dos monstros no fundo do oceano. Desejo exhibir toda a hediondez dessa existência que corrompe nossa sociedade, como uma moléstia secreta e inconfessável corrompe o organismo humano.

(Aluísio de Azevedo sobre seu romance, Folha Nova, 5 mar. 1883)

- 3º pessoa onisciente

"... esses pequenos episódios de infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a diluição que devia tomar o caráter de Amâncio. Desde logo habituou-se a fazer uma falsa ideia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus condiscípulos. - E abominou-os. Principiou a aborrecê-los secretamente, por uma fatalidade do ressentimento, principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que ele fosse. "

Casa de Pensão, excerto.

Tempo

- Cronológico



“ Desconfia de todo aquele que se arreceia da verdade.

Seriam onze horas da manhã.

O Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, a pena atrás da orelha, o lenço por dentro do colarinho, dispunha-se a prosseguir no trabalho interrompido pouco antes. Entrou no seu escritório e foi sentar-se à secretária.

Defronte dele, com uma gravidade oficial, empilhavam-se grandes livros de escrituração mercantil. Ao lado, uma prensa de copiar, um copo d água, sujo de pó, e um pincel chato; mais adiante, sobre um mocho de madeira preta, muito alto, via-se o Diário deitado de costas e aberto de par em par.

Tratava-se de fazer a correspondência para o Norte. Mal, porém, dava começo a uma nova carta, lançando cuidadosamente no papel a sua bonita letra, desenhada e grande, quando foi interrompido por um rapaz, que da porta do escritório lhe perguntou se podia falar com o Sr. Luís Batista de Campos.

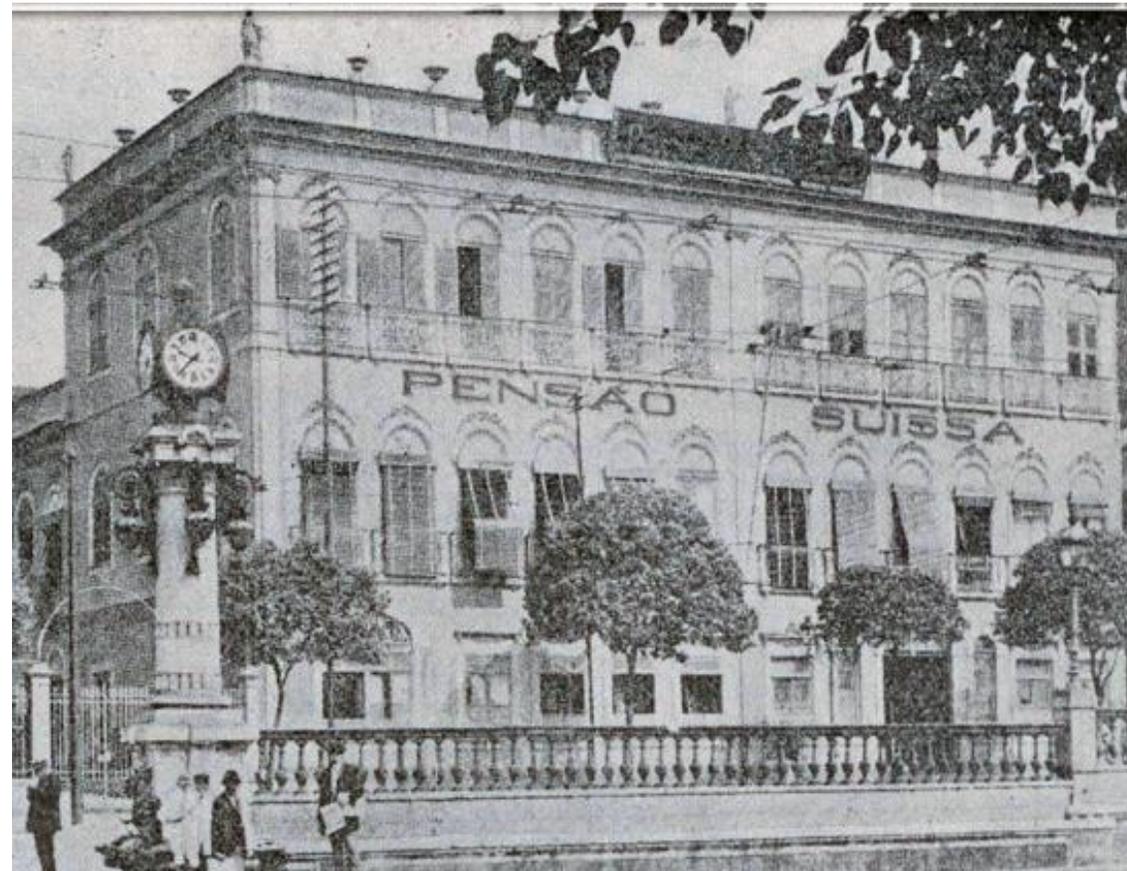
- Tenha a bondade de entrar, disse este.

O rapaz aproximou-se das grades de cedro polido, que o separavam do comerciante. (...)”

— *Casa de Pensão - 1884*

Espaço

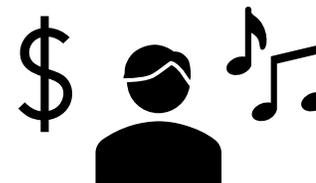
- Rio de Janeiro



Disponível em riodejaneiroaqui.com Acesso em dez 2020

Personagens

- **Amâncio:** jovem rico e mulherengo, festeiro, imoral, estupra Júlia – *representa Capistrano*
- **Campos:** Amigo do pai de Amâncio; primeiro que o acolhe em sua casa. Porém Amâncio abandona a casa, pois está atrás de festas e soberba, na casa de Campos, isso era mal visto.
- **Hortênsia:** mulher de Campos, se interessa por Amâncio; mas os dois não se envolvem.
- **João Coqueiro (Janjão):** dono da pensão, quer que Amâncio se case com Amélia por causa de seu dinheiro; esperto, ex-rico



Personagens

- **Amélia:** irmã de João Coqueiro, 23 anos, jovem sedutora e que também tem interesse no dinheiro do jovem Amâncio – *representa Júlia*



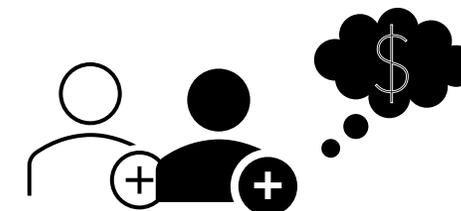
- **Mme. Brizard:** apoia o romance de Amélia com Amâncio, pois ele é um garoto rico. Dona da casa de pensão, mais velha que seu marido, João Coqueiro.



- **Lúcia e Pereira:** hóspedes da casa de pensão; Lúcia também é uma das pessoas que querem tomar o dinheiro de Amâncio, e Pereira é seu “marido”; o “casal” vive de golpes e enganações.



- **Paiva e Simões:** "amigos" de João Coqueiro que só se interessam pelo dinheiro de Amâncio.



Enredo

- Amâncio vai **estudar no Rio de Janeiro**
- **Hospeda-se na casa de Campos**, amigo da família
- Posteriormente, **muda-se para a pensão da madame Brizard e João Coqueiro** para ter mais liberdades e aproveitar mais a vida no RJ
- Madame Brizard e Coqueiro **tramam** para Amélia se aproximar de Amâncio
- Envolve-se, posteriormente, com Amélia, irmã do dono da pensão João Coqueiro (Janjão)

Enredo

- Amâncio se envolve também com **várias mulheres**
- Recebe flores, cartas de **Lúcia** (casada com Pereira)
- **Amâncio adoece** (bexiga – varíola), recebe cuidados de Lúcia e posteriormente Amélia
- **Muitos hóspedes vão embora** da pensão por conta da doença de Amâncio
- Lúcia e o “marido” vão embora
- Amâncio se entristece
- O médico manda Amâncio “trocar de ares” para melhorar

Enredo

- **Amâncio pensa ir embora**, e dá presentes para Amélia, Madame Brizard, João Coqueiro... Muda-se.
- **Todos se mudam da pensão.**
- Amâncio esquece Lúcia e se aproxima de Amélia.
- Relacionam-se sexualmente, **Amélia revela-se possessiva.**
- Coqueiros aconselha a irmã Amélia: enrolar Amâncio.
- **Amâncio perde o pai e quer visitar a mãe**, no Maranhão.
- Amélia, Brizard e Coqueiro pensam que ele quer fugir.
- **Amélia ameaça Amâncio.** Ele nega assumi-la.

Enredo

- Amâncio compra uma casa para morar com Amélia
- **Ele perde o encanto por Amélia** – aventura
- Amâncio se engambela por Hortência, mulher de Campos e **escreve uma carta se declarando**
- **Amélia acha a carta e entrega a Coqueiro** que, indignado, **resolve pressionar Amâncio** para casar com a irmã e “endireitar”
- Amâncio resolve viajar, às escondidas.
- **No momento da viagem**, é surpreendido pelo oficial de polícia, que comunica a denúncia feita por Coqueiro – **Amâncio é acusado de desonrar Amélia.**

Enredo

- Os amigos de Amâncio ficam abalados com a denúncia e a **questão ganha grande notoriedade na sociedade carioca**
- **Campos ajuda Amâncio**, mas recebe a **carta que este enviou a Hortência (das mãos de Coqueiro)** e percebe que não poderia confiar, nem defender, seu “amigo”.
- **Amâncio vai preso**, mas, no resultado do processo, **foi absolvido**.
- **Coqueiro é “vencido”** e estava falido. Pensa em suicídio.
- **Coqueiro vai até Amâncio e o mata a tiros**. É preso.
- A mãe de Amâncio vem ao RJ, que pensa o filho estar preso – na realidade, já estava morto



Seriam onze horas da manhã. O Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, a pena atrás da orelha, o lenço por dentro do colarinho, dispunha-se a prosseguir no trabalho interrompido pouco antes. Entrou no seu escritório e foi sentar-se à secretária. Defronte dele, com uma gravidade oficial, empilhavam-se grandes livros de escrituração mercantil.

Ao lado, uma prensa de copiar, um copo de água, sujo de pó, e um pincel chato; mais adiante, sobre um mocho de madeira preta, muito alto, via-se o Diário deitado de costas e aberto de par em par.

Tratava-se de fazer a correspondência para o Norte. Mal, porém, dava começo a uma nova carta, lançando cuidadosamente no papel a sua bonita letra, desenhada e grande, quando foi interrompido por um rapaz, que da porta do escritório lhe perguntou se podia falar com o Sr. Luís Batista de Campos. (...)

— Tenha bondade de entrar, disse este.

O rapaz aproximou-se das grades de cedro polido que o separavam do comerciante. Era de vinte anos, tipo do Norte, franzino, amorenado, pescoço estreito, cabelos crespos e olhos vivos e penetrantes se bem que alterados por um leve estrabismo. Vestia casimira clara, tinha um alfinete de esmeralda na camisa, um brilhante na mão esquerda e uma grossa cadeia de ouro sobre o ventre. Os pés, coagidos em apertados sapatinhos de verniz, desapareciam-lhe casquilhamente nas amplas bainhas da calça.

— Que deseja o senhor? – perguntou o Campos, metendo de novo a pena atrás da orelha e pousando um pedaço de papel mata-borrão sobre o trabalho.

O moço avançou dois passos, com ar muito acanhado, o chapéu de pelo seguro por ambas as mãos, a bengala debaixo do braço.

— Desejo entregar esta carta – disse, cada vez mais atrapalhado com o seu chapéu e a sua bengala, sem conseguir tirar da algibeira um grosso maço de papéis que levava. Não havia onde pôr o maldito chapéu, e a bengala tinha-lhe já caído no chão, quando Campos foi em seu socorro.

— Cheguei hoje do Maranhão – acrescentou o provinciano, sacando as cartas finalmente. As últimas palavras do moço pareciam interessar deveras o negociante, porque este, logo que as ouviu, passou a considerá-lo da cabeça aos pés, e exclamou depois:

— Ora espere... O senhor é o Amâncio!

